

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Outubro de 2020 — N.º 580

Diretores – Antonio Marcello da Silva (*1931) - Pascoal Andreta (*1916 – +1982) - Ugo Labegalini (*1931 – + 2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020)

IVAN

Vejam só! Ataulfo Alves era feliz e só ficou sabendo depois de velho. É que, ao relembrar seus tempos de criança – a professorinha, Mariazinha (seu primeiro amor), Mirai (a cidade onde nasceu), os jogos de botões pela calçada, no consagrado samba-canção “Meus tempos de criança” – percebeu que se esquecera de todos aqueles momentos alegres e despreocupados e que era justamente naquela simplicidade que morava a felicidade.

Eu também passei por momentos parecidos – parecidos, pois que contraditórios, mas não pela semelhança – e vivo a evocá-los, já que me sobra tempo para cultivar e colher lembranças. Quando estudei em Alfenas, 250km de terra; hoje, cerca de 200, no asfalto, saía de Monte Sião às quatro da manhã para lá chegar às oito da noite. Além da poeira e de 100 mata-burros, o motorista fazia diversas paradas para descansar,

entregar uma carta ou uma leitoa, distribuir fatias de queijo entre os passageiros ou, na margem de um córrego, lavar o vômito de algum estômago indomável. Morei numa pensão de cujo forro de esteira de taquara desprendiam lascas de cal solidificada, derrubadas pela corrida de família de gambás que ali constituíra residência. A refeição, sempre de arroz, feijão, batata-doce cozida e salada com os necessários fios de cabelo para puxar os tomates; às vezes, era premiado com uma lesma honesta ou um caramujo crocante, que trincava nos dentes. Como não havia janta nos domingos nem café da manhã dia

nenhum, associados à permanente falta absoluta de dinheiro, eu ficava 24 horas em jejum; foi quando aprendi a fumar, auxiliado por cigarros de palha enrolados em fumo de Poço Fundo, que tiravam a fome até de órfão pobre e sem lar. Entretanto, estive diversas vezes desidratado de tanto cuspir. A falta de dinheiro sempre me aconselhou, quando não exigiu, a não frequentar cinema, bailes, encontros em bares, comprar um doce de leite – a “dureza” não faz distinção entre caro e barato; tudo é inatingível – tomar um guaraná ou mascar um miserável chiclete (a boca, pouca acostumada a excessos, recusava-se a mastigar).

Fazia, então, serenatas aos sábados, que nada custavam, a não ser um diabolico, ranzinza, intolerante e intolerável delegado que me oferecia, vejam só, às duas da manhã, as opções; “cama ou cadeia, seu sem-vergonha”. Sempre preferi a primeira, sem antes mostrar a língua à autoridade, quando de costas. Jamais tive um terno, obrigatório aos domingos à noite, no jardim ou mesmo a uma visita, embora nunca tenha sido convidado. Só voltava a Monte Sião em julho e dezembro, para as férias. Não havia fundos para tão distantes viagens e nem mesmo subvenção estadual (os governos sempre me

detestaram e perseguiram). Mas, na última, quando estava formado, o dinheiro da passagem dava exatamente para chegar a Lindoia: um tostão gasto a mais, ficaria em Itapira. E foi o que aconteceu. Varado de fome, não resisti a um sanduíche de pão crocante com mortadela a fumar na estufa da rodoviária. Fim da viagem, até que alma caridosa, percebendo meu estado de falência universal, me deu carona até minha casa, onde minha pobre mãe me aguardava com um prato de croquetes para comemorar a formatura de que não tomei parte por insuficiência monetária. Meu nome foi omitido da relação dos forman-

dos e até mesmo do convite para o baile, missa e entrega dos diplomas. Porém, nada me magoou. Como se diz na mocidade, “Tudo é farra”... menos o cachorrinho de uma namorada (ela me arrumou e não eu a ela) e que só comia chocolate e bom-bocado, descansando em colchão de veludo. Sempre tive ganas de enfiar-lhe goela abaixo o tomate com a peruca do meu almoço, além de espalhar em seu corpo três mil pulgas.

Só hoje, passados 63 anos, atinei com o patético da minha juventude: eu era INFELIZ e não sabia. Ri bastante, não só pelo meu cofre exaurido de então, pela carência de recursos, falta de comunicação, como agora pela insuficiência de cabelos para guinchar uma simples rodela de tomate ou arrastar um inocente caramujo. Mas, então, por onde andaré ou o que é a felicidade? É gêmea, parceira da infelicidade pelo antagonismo ou apenas sentimento passível de interpretação pessoal? Vá saber! Eu, não sei.

ZUCA

De repente, com o nascer do sol, Antonieta atravessa o caramanchão de primaveras em seu quintal, com uma luz plena do sol em seu rosto. Com seu caminhar apressado de sempre, chega ao outro lado e vê seu sogro sorrindo, encostado no portãozinho com uma criança ao colo. A criança, um bebê menino, ao vê-la abre seus bracinhos e quase salta para um abraço apertado de um filho em sua mãe. Quanta ternura, quanto amor.

O abraço se estende, o sogro lhe beija a testa e lhe dá as boas-vindas. Mas tem mais gente à sua espera. Vindo correndo, ela vê agora seu querido irmão, que vem buscá-los para uma festa. Festa? Sim, sempre festa. Assim são as reuniões deste povo que se ama e transborda a felicidade em comemorações agitadas, barulhentas. Outro abraço apertado e já não está mais em seu quintal. Agora está na porta da igreja matriz, que tem sua nave central transformada em um grande salão de festas.

Seus primos padres a recebem com uma benção em nome da Mãe Padroeira e seu irmão orgulhoso a conduz pelo corredor central. De passagem vai vendo sorrindo, primos, amigos, tios, sorrisos e mais sorrisos felizes por sua presença ali. Tantas outras pessoas as quais não se lembrava mais, que considerava que nem a estimassem tanto, que com certeza não conhecia mesmo.

A banda toca em um coreto improvisado em uma das laterais e seu maestro, em jú-

bilo, conduz seus músicos no dobrado Dois Corações.

No centro do salão, à sua espera, está seu amado companheiro. Ele está com seu terno branco da banda da cidade, seu bombardino sob o braço e flores na mão, para presentear sua amada. Ele sorri seu sorriso de lábios finos. Ela por um instante se preocupa em como ele está mais jovem e ela envelheceu. Será que vai reconhecê-la? Claro que sim. Ele estica sua mão para trazê-la junto a si e dar-lhe um caloroso beijo. Todos aplaudem e festa ganha mais vida.

Seu pai impaciente e ansioso por também abraçá-la, interrompe o casal e leva os dois para assinar o Livro da Chegada. Ele sempre fazia isso. Sempre dava um jeito de assinar também, sempre foi uma testemunha de tudo que aconteceu por ali. E toque foguete pra cima. Viva! Viva! Viva!

Vem então sua mãe e sogra. Vem sua tia-avó, mas essa, meio ressabiada pois não gosta de fotos e tem um lambe-lambe na espreita para registrar o momento. Vem seu tio querido, vicentino devoto, esperando também paciente a sua vez de abraçar a sobrinha querida.

Até seu cachorrinho Banzé está por ali saltitando e brincando com algumas crianças.

No meio de tanta gente ao seu redor, vem um menino loirinho, lindo, de olhar esperto. Seu neto ali com uns oito anos, se aproxima para beijar a avó. Em mais um instante onde a plenitude lhe falta, ela se lembra de como

pensou quando ele partiu, por que não ela? Abraçou o pequeno e sentiu então que alguma coisa lhe faltava.

Entendeu então o significado daqueles encontros. Ela havia deixado seu mundo e entrado no mundo divino. Amém, ela diria, mas na confusão de entender o que estava acontecendo. Tentou negar. Natural. Mesmo ela que havia dito dias antes que estava preparada para aquilo, ao se ver ali, teve um breve recuo. Sentiu naquele momento a falta de outros tantos que não estavam ali. Viu, ainda que de uma forma inex-

plicável, seus outros filhos e netos, seus tantos outros parentes e amigos tristes por sua despedida (sem se despedir). Estavam paralisados com a bruta surpresa que lhes causara. Cantavam “As Rosas não falam” que tanto gostava. Entre lágrimas, riam com lembranças de algumas de suas “pérolas”.

Entendeu que era uma despedida. A sua despedida. Em uma fração de segundos quis voltar, sentiu um vazio sem sentido.

Mas antes que pudesse olhar para trás, o coração bordado na fita vermelha

pendurada em seu peito se acendeu. Como em um daqueles contos de fadas e cavalleiros que gostava de ler e assistir, aquele coração foi se iluminando primeiro em vermelho Amor, depois transbordando as sete cores do arco-íris. Uma luz acalentadora. Uma luz encantadora. Uma luz...!!!!

Chegou então seu Grande Amigo. O Dono do tal Coração. Ele a abraçou e tudo fez sentido então. A Paz invadiu todo o seu ser de maneira indiscutível, para que não sobrasse espaço para nenhuma dúvida. Ela então aceitou que

era momento dos encontros e festejou.

Entender a despedida ficou fácil para ela, não para os que ficaram. Mas a cada pequeno encontro nas brumas dos sonhos, esses vão se apertando de um amor sem volta e de uma certeza de um dia também reencontrar.

Todos os personagens são reais. Com exceção da personagem principal, fiz questão de não nomear os demais para que o leitor possa identificar/descobrir quem são no meu texto, ou até mesmo para que possam nomear os seus próprios personagens e identificar a sua história, descobrindo afinal como foram seus encontros e despedidas.



E SE

ENCANTE

VISITE

Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião

MÃES NÃO MORREM! OU SÓ MORREM QUANDO QUEREM!

TONINHO GUIRELI

Disse o grande Friedrich Nietzsche que, “em geral, as mães, mais que amar os filhos, amam-se nos filhos. E que Mães só morrem quando querem”. Um filho, em idade escolar, disse: Eu tinha 7 anos quando matei minha mãe pela primeira vez. Eu não a queria junto a mim quando chegasse à escola em meu 1º dia de aula. Eu me achava forte o suficiente para enfrentar os desafios que a nova vida iria me trazer. Poucas semanas depois, descobri aliviado que ela ainda estava lá, pronta para me defender, não somente daqueles garotos brutamontes que me ameaçavam, como das dificuldades intransponíveis da tabuada. Quando fiz 14 anos eu a

matei novamente. Eu não a queria me impondo regras ou limites, nem que me impedisse de viver a plenitude dos voos juvenis. Mas logo no primeiro passo eu felizmente a redescobri viva. Foi quando ela não só me curou da ressaca, como impediu que eu levasse uma vergonhosa surra de meu pai. Aos 18 anos eu achei que mataria minha mãe definitivamente, sem chances para ressurreição. Entrava na Faculdade, iria morar em “república”, faria política estudantil, atividades em que a presença materna não cabia em nenhuma hipótese. Ledo engano! Quando me descobri confuso sobre qual ramo seguiria, voltei à casa materna, único espaço possível de guarda e compreensão. Aos 23 anos me dei conta de que a morte

materna era possível, apenas requeria lentidão. Foi quando me casei, finquei bandeira de independência e segui viagem. Mas bastou nascer a primeira filha para descobrir que o bicho mãe se transformava num espécime ainda mais vigoroso, chamado avó. E para quem ainda não viveu a experiência, avó é mãe em dose dupla. Apesar de tudo continuar acreditando na tese da morte lenta e demorada, e aos poucos fui me sentindo mais distante e autônomo, mesmo que a intervalos regulares ela reaparecesse em minha vida desempenhando papéis importantes e únicos, papéis que somente ela poderia protagonizar. Mas o final dessa história,ao contrário do que eu sempre imaginei, foi ela quem definiu: quando me-

nos esperava, ela decidiu morrer. Assim, sem mais, nem menos, sem pedir licença ou permissão, sem data marcada na ocasião para despedidas. Ela simplesmente se foi, deixando a lição que mães são para sempre. Ao contrário do que sempre imaginei, são elas que decidem o quanto esta eternidade pode durar em vida, e o quanto fica relegado para o etéreo terreno da saudade... Desconheço o autor. Não sei... Se a vida é curta, ou longa demais para nós, mas agora sei que devemos amar as pessoas, enquanto elas estão por aqui... E é por isso que tem que amá-la sempre! E não matá-la em via! Nunca saberemos quando ela vai querer partir. O vazio que fica, nunca conseguiremos preencher... E para quem ainda tem ao

seu lado, ame-a... Abrace-a sempre; dê-lhe colo... E para quem já não tem mãe a seu lado... Guarde suas lembranças no mais precioso dos baús... Mesmo onde ela estiver, saiba que sempre ela vai entender o recado... E vai chorar, quando você chorar. Vai sorrir quando você sorrir... Vai velar seu sono, como fazia em época de criança... Não espere ela partir para lhe dar AMOR. Um dia voê vai descobrir que talvez a pessoa que mais lhe amou na vida, foi ela... Incondicionalmente... Desde que você surgiu nesta vida. Se ela estiver ao seu lado, dê-lhe um beijo e um abraço, e diga o que ela sempre quis ouvir. Mamãe, eu te amo! Obrigado por você existir! E se ela já não estiver ao seu lado feche os olhos e faça

uma prece para ela, agradecendo pela vida e também dizendo que a ama... Eu havia recebido em maio de 2011, do amigo Josmar Beltrami, essa linda mensagem (Mães não Morrem) e ora a estava direcionando ao Jornal Monte Sião, na correria, visto que o artigo anterior que estava ainda encaminhado para publicação, acabou “desaparecendo” por uma falha minha ao remeter o artigo ao José Ayrton. Espero que todos gostem do teor desse artigo, que mostra a incompreensão do filho, mas, sobretudo, o grande amor que elas têm, e dedicam sempre aos filhos.

O mundo das fábulas

JOSÉ ALAÉRCIO ZAMUNER

Isso não é uma lenda, é uma fábula, que rodeia os seres mortais desde os primórdios. Nós, moiras, sempre enredamos do modo que gostam, querem, procuram para um viver intenso na alma. Sei que é fábula, porque quando surgiu em minha frente, veio meio bruma de um infinito das existências mágicas, toda exuberante das fadas: ela, que já implorrei narrativa, revolveu meu pleno eu, ela, Alati! Me disseram que viera da Itália, me disseram que viera de beira mar: me disseram que translacionava o Sol, além tantos lugares, disseram e dizem agora. Mas, o certo mesmo, e não

sambem disso, em mim veio de chofre: seus grandes olhos, cílios longos negros abarcam meu instante: g-gulp-gulpp... absurdo fôlego: subtraí minha existência de dúvidas, secou horas de meus anjos da guarda (que não lhe valem nada!), usurpou todo espaço do tempo e virou avesso em elástico permanecer: saudade ante-senti... daí, daí ... um vácuo afundou ... e e teria de ultrapassá-lo, as pernas sumiram. (quis ter força, praguejei demônios) Ia morrer! Deus, por que somos tão miúdos? Queria transpular isso tudo, mas a fábula só havia começado, e ela estava, ali, em minha frente, no rigor daquele bambolê das ondas eletromagnéticas: Sabia que o infinito não é fora daqui? Sabia disso? Vem

que te levo por este estão de estória encantada... Mãos dadas, segui pelos caminhos de Alati. Era encantador; era encantador... Vem, eu te ensino... Meu olhar circulando redores. Esta é uma estrela em que sempre estou. Aqui, nada acaba. Olhe, as pessoas em voos loop, neste espaço gelatinoso. Veja, quantos animais, pássaros, peixes percorrem seus ares. Agora, nossos ares; nossos. Aqui, não precisamos de chão, porque tudo gira torvelinho noite e dia. Vem!... Entrelaçados!... Passeei com Alati, além longe de mim, nas eras tão des-real, tão des-tempo: reconfigurados de meus outros lugares. O dia era amarelo, o dia era azul, o dia era lilás... Chovia música descendo guarda-chuva

sobre os olhares das árvores que pediam mais encanto, mais... Vem..., te seguro, segue me segue em par fluotar: somos seres alados em cores. Olhe como são bonitos os caminhos narrativos, quando evoluem tempo e espaço de amor. Lembre-se, fábula de amor é assim..., encanto mesmo. Vem!... Fui pelo braço a braço ciclando o ar, nós dois, naquele mundo móvel de um horizonte próximo, mas que seguia estendendo seus limites da estória, mais..., mais, bem colados, rostos, seus cabelos esvoaçantes em mim. Lábios redondos, bem torneados... Os lábios em lábios pronunciam mundo primordial de Eros. Pronunciavam as forças dessa nossa fábula em rodopios parabólicos. Diga, pergun-

te aí, desse seu lado, diga e me diga: você encontra em seus dias amor assim maior do mundo?... Um peixe traçou voo por esse céu todo de Chagall; baixou e girou força Andrômeda: eu vi, eu vi!... Você viu, sentiu?? Senti o mover e o afagar do ar: o ar guache em nós. Bem junto nos apertou, uniu nossos corpos. Continuamos fluotar: pele, pele retintas de tantas tintas, som, poros, perfume: hálito Alati em mim, em mim...; vem beijo!!... e a campina abre espaço das aves: saldável de gramíneas, margaridas, miosótis, borboletas; rubras rosas: há um tamanduá de braços fortes que passeia sem fim... Meu olhar beijou, beijou seu olhar... Nos beijamo-nos demorado, no tempo das estrelas, no tempo

das fadas que cirandeavam em nossa volta... Nós em cores flutuamos espaço. Vem um Pegasus vagar pelo ar e nos leva pra mais profunda fábula, da qual ainda não saí. Abro uma janelinha, olho, olho, vejo esse seu mundo tão ínfimo, tão esgarçado: de dores, fome, sangue sentido. Fecho a janela do seu tempo, volto pro meu, cheio de fábulas, onde os olhos de Alati sempre brilham, chamando-me eternamente... Não olhe agora, mas as três moiras mulheres ainda estão em nossa calçada tecendo umas mantas para quando o frio chegar.

Cinema para quem gosta de cinema

J. CLAUDIO FARACO

Documentário:
Professor Polvo

Nacionalidade:
África do Sul

Cenário Natural:
Floresta submersa e gelada no Oceano Atlântico,

próxima à Cidade do Cabo

Ano de Produção:
Setembro/2020

Canal de exibição:
Netflix

Não há como permanecer impassível quando poesia e encantamento

submergem das geladas águas do Atlântico e, prontamente, reaquecem nossa alma com imagens inescucíveis e jamais sonhadas por bilhões de pessoas em todo o mundo.

Foi isso que Craig nos proporcionou, o ex-empresário que trocou a desilusão dos prisionais escritórios para nos conduzir, através de seus mergulhos, filmadora em punho, às belezas inimagináveis de uma floresta subaquática.

Nela, a extrema nitidez das imagens exaure nosso fôlego e arrepia o corpo com a frieza das águas, mas também provoca comoção inédita ao nos tornarmos cúmplices, pela primeira vez na vida, de uma fanática torcida jamais sonhada em prol do lento sucesso de uma amizade iniciada entre um ser humano e um polvo-fêmea que habita o local. A partir desse momento, unhas roídas, adrenalina na estratosfera, nossas emoções e sensibi-

lidades não enxergam limites e extravasam a imensidão do oceano.

Envolvente, revelador, primoroso e tenso em alguns momentos, o documentário é uma obra prima do bom gosto, do amor e respeito pela Natureza.

Não creio haver necessidade de discorrer mais sobre essa excepcional criação. É o que basta para alimentar qualquer indício de sensibilidade e que per-

maneça apenas a sugestão para vê-la.

Finalizando, desejo apenas lembrar que o cinema sempre foi a raiz condutora de minha vida, meus sonhos, minhas ilusões, minhas eternas e cinematográficas paixões.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônimo Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020).

Conselho Administrativo – Bernardo de Oliveira Bernardi, Diogo Labegalini de Castro, José Cláudio Faraco e Alessandra Mariano Silva Martins.

Diagramação – Luis Tucci - MTb 18938/MG

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Céto

Secretário de Redação – Carlos Alberto Martins

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Aroldo Comune, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Eraldo Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardelo, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Tais Godoi Faraco, Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas.

Toda matéria deverá ser enviada até o dia 20 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

Mecânica NETOS
nacionais e importados
nacionais e importados
Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico
Fone: (35) 3465 2772
Rua Jair Zucato, 136 - Centro (PRAINHA)
Monte Sião - MG
CEP 37580-000

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora
A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS
35 3465-3124
Av. das Fontes, 136-C -Monte Sião

Rua Presidente Tancredo Neves, 373 - Centro (em frente ao Itai) (35) 3465-1120 / 3465-5633 Monte Sião/MG
Rua Argentina, 19 - Centro (no Balaio) (19) 3924-1196 Águas de Lindóia/SP

Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais
(35) 3465 2060 (35) 98815 2060
Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG
dynamisemanipulacao dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA
Espaço para 250 pessoas
Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

ESCRITORES NEGROS IMPORTAM: CONCEIÇÃO EVARISTO

**CAROLINA NASSAR
GOUVÊA**

No mês em que se comemora o dia do professor, nada mais coerente do que poder homenagear uma escritora negra que também é professora. Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, em 1946, e cresceu numa favela no alto da Avenida Afonso Pena. Dali nasceram muitos personagens que compuseram as histórias de seus livros: “Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela”. A romancista, cronista e também poeta trabalhava como empregada doméstica, até 1971. Nesse ano, ela terminou os estudos secundários no Instituto de Educação de Minas Gerais.

Após formar-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, concluiu seu mestrado em literatura Brasileira pela PUC-Rio com sua dissertação intitulada *Literatura Negra: uma poética da*

nossa afro-brasilidade. Depois, na Universidade Federal Fluminense realizou seu doutorado. Conceição trabalhou como professora na escola pública de ensino da capital fluminense e também na rede particular de ensino superior. Durante sua vida, as obras de Clarice Lispector, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Carolina Maria de Jesus, Adão Ventura, entre outros, tiveram grande influência na vida dela.

A mulher negra geralmente protagoniza as obras produzidas pela autora, assim, a desigualdade racial é tema frequente nos livros de Conceição Evaristo. Porém, além de retratar o cotidiano denunciando o preconceito racial e de gênero, a autora busca resgatar a história, ou melhor, o passado do negro cuja história os portugueses quiseram tornar invisível.

Em 2019, pude conhecê-la pessoalmente, já que ela ministrou uma palestra no museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, aos

professores finalistas da Olimpíada de Língua Portuguesa. Na ocasião, pudemos ouvi-la falar de literatura, da profissão do professor e também do conceito de escrevivência, uma das características do Conceição enquanto escritora.

Os romances, contos, poemas que a autora produz advêm de memórias do cotidiano e da experiência de vida de Conceição e também do povo negro. A essa forma de fazer literatura Conceição Evaristo dá o nome de *escrivivência* – a escrita ou a escitura que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo –, ela compõe romances, contos e poemas que revelam a condição do afrodescendente no Brasil. Em suas histórias, ela traz as alegrias, angústias e sofrimentos de uma parcela da população que convive com o machismo e também com o racismo, problemas que insistem em permanecer na sociedade brasileira, provocados por um passado mar-

cado pela escravidão e patriarcalismo presentes desde a época da colonização.

Apesar de ter começado a escrever na juventude, seus escritos foram publicados quando a autora já tinha 44 anos – em 1990, nos Cadernos Negros, tornando-se referência em uma literatura que atua contra a discriminação de gênero e de raça. As antologias são editadas pelo coletivo Quilombhoje e o número de pessoas interessadas na leitura de suas obras tem crescido. Em 2007, o romance Ponciá Viçêncio, seu primeiro livro, tornou-se leitura obrigatória no vestibular da UFMG.

Dentre tantas obras, as principais são Ponciá Vi-cêncio; Becos da Memória, 2006; Insubmissas lágrimas de mulheres; Histórias de leves enganões e parecenças; Canção para ninar meni-no grande e Olhos d'água, 2014. Em todas o escrever está presente. Nas palavras delas, escrever significa relatar o coletivo a partir do particular, já que o sujeito negro, dentro da literatura,

existe a partir de sua relação com outros sujeitos. Assim, esse sujeito, quando fala de si, fala também do outro.

“Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada custei reconhecer o quarto da nova casa em que estava morando e não conseguia me lembrar como havia chegado até ali. E a insistente pergunta, martelando, martelando... De que cor eram os olhos de minha mãe? [...] Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo, busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe aprendi conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos.

pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento, resolvi deixar tudo e, no outro dia, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos. [...] E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água". (*Olhos d'água*, p. 15-19)

O momento

MATHEUS ZUCATO

Acordou tão feliz que sentiu como se nunca mais fosse ser feliz. Bem, pelo menos não tão feliz quanto era naquele momento, pois acreditou ter atingido o pico da experiência humana com a felicidade, e, portanto, como qualquer pico de qualquer montanha, o restante do caminho a seguir era somente para baixo, e isso a causou certo desconforto infeliz.

O coração muito apertado no peito revelava uma angústia que, ironicamente — e ela mesma se questionou sobre isso, abismada —, possuía raízes na felicidade. Como se da felicidade dela brotasse um fruto podre. E o pior é que não havia razões e nem tempo para que aquele fruto tivesse

apodrecido tão rapidamente quanto fora criado. Era como se a felicidade e a infelicidade vivessem unidas: dois lados de uma mesma moeda.

Decidiu ficar de olhos fechados antes de permitir à claridade dizer-lhe que já era de manhã e que aquela felicidade poderia, do alto daquele pico de êxtase, e a qualquer momento, desabar montanha abaixo, como uma rocha que se libertasse e rolasse para baixo, sempre para baixo, sem contrariar a gravidade. Qual seria a sua gravidade, pensou. Que lei seria essa que tão fortemente a lembrava de que a descida era ingreme tanto quanto o era a subida? Não, ela queria permanecer de olhos fechados e feliz. Somente isso, feliz.

Evitou até mesmo se mover. Disse a si mesma que não, que não, e que não aceitava aquela sensação. Disse que tinha direito de sentir a felicidade e que portanto a perpetuaria até o limite, que rogaria aos céus para que o tempo parasse exatamente ali, naquele instante de euforia matinal, deitada na cama ao lado de um homem, e que era simplesmente isso, que sua felicidade não dependia de grandes feitos ou aquisições; era somente uma cama, antes dos olhos se abrirem.

Seu braço nu arrepiou-se inteiro. Ela sentiu a respiração por trás e depois os dedos ásperos a desenharem algumas linhas sem rumo por ali. Imaginou se ele também podia sentir aquilo que

dela tomava conta naquele momento, e, de repente, percebeu que se zangava, pois que aquela felicidade não podia ser sentida por outro que não fosse ela, dona do direito à uma felicidade única, privada, e pura, antes que dela nascessem os imundos frutos de infortúnio. Afastou o braço como a mostrar que não queria ser atrapalhada naquele seu momento tão íntimo em que os relógios pareciam realmente haver parado e sua vida repousava tão tranquilamente nas graças de si mesma. Por uma fração de segundo, era a mulher mais feliz do mundo.

Inclinou-se para baixo e pegou o celular que estava no chão. Virou seu corpo e, encarando o teto, atendeu a ligação. Ele perguntava, docemente,

como estava a viagem a negócios, se a reunião já havia ocorrido, e revelou que sentia sua falta. Resignada, voltou a sentir a gravidade que a pressionava fortemente contra a

cama, sempre para baixo.

Filosofia e amizade

**JAIME
GOTTARDELLO**

Grandes filósofos, desde a antiguidade, refletiram e deixaram seus conceitos a respeito do que é a amizade. Os pensamentos de Platão sobre a amizade são frequentemente vistos como bastante frios e egocêntricos. Aristóteles diz que devemos buscar a amizade de virtude e Kant, por sua vez, não crê em amizade.

Platão reconhece duas formas de amizade: a amizade Esporádica e a amizade Genuína. Platão vê amizades esporádicas como relacionamentos “entre opostos”. Por oposto, ele queria dizer status social oposto, como em uma amizade entre ricos e pobres. Platão pensa que esses relacionamentos raramente são mútuos, e mais frequentemente são nocivos, já que os mais necessitados

são codependentes dos ricos
e a natureza dessa amizade
não é puramente virtuosa.

No entanto, ele acha que pode haver amizades genuínas, desde que sejam formadas por pessoas que compartilham o mesmo status social. Platão menciona que as únicas pessoas que podem ter amizades genuínas são pessoas da classe média. Isso porque, segundo ele, nem os ricos nem os pobres tendiam a ser particularmente virtuosos, e as amizades exigem virtude.

Outro filósofo importante da antiguidade, Aristóteles escreveu sobre os diferentes tipos de amizade, que de acordo com seu pensamento são três: as amizades de Utilidade, as amizades de Prazer e as amizades dos Bons ou de Virtude, conforme descritas no Livro VIII de A Ética a Nicômaco. O primeiro tipo abrange aque-

les que são convenientes para nossa vida. Seria aquele amigo que começou a aprender violão e nos ajudava a fazer algum acorde mais difícil. Mas ele não serve para muito mais que isso. Amizades de Prazer, segundo Aristóteles, nos ajudam a ficar alegre. Aquele pessoal que a gente encontra nas noites de sexta-feira pra tomar uns goles e falar da vida dos outros ou de futebol. É até legal, mas nada muito sério...

Finalmente, temos o objetivo final: as amizades dos bons ou de virtude, que só surgirão algumas vezes no decorrer de nossa vida. Essas são amizades entre pessoas com almas iguais. São pessoas dispostas a falar sobre tudo, desde as minúcias da vida até as profundezas da alma.

Mas nem todos os filósofos acreditam nesse mo-

delo. Kant, um dos maiores filósofos da era moderna, afirma que as pessoas não buscam a amizade simplesmente por causa da amizade em si, mas sim, para servir a um propósito maior e para satisfazer alguma necessidade egoísta. Sempre há um interesse oculto nas relações de amizade. Desse modo, amizades não são possíveis sob a perspectiva de Kant.

Sem dúvida todos buscamos as amizades que sejam autênticas, honestas, compassivas, inteligentes e alegres. Mas não há receita de bolo para que isso aconteça. A melhor chance que temos seria nos tornarmos essa pessoa primeiro. A amizade de virtude virá logo após isso.

Conhecidos custam dez centavos a dúzia, mas um verdadeiro amigo não tem preço. E Kant estava errado...

Jornal virtual

Você também poderá
ler este jornal através do site:
www.fundacaopascoalandreta.com.br

Supermercado e Casa de Carnes

Oliveira

A melhor carne da região!

Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 357580-000

(35) 3465 1817 / 3465 2109

SUPERMERCADO SHIMODA

Onde seu dinheiro compra mais

Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

AGULHAS E ACESSÓRIOS PARA RETILÍNEAS

Representante Autorizada da marca KERN-LIEBERS

DERBY
Têxtil

Av. Monte Sião, 925
Bela Vista
Águas de Lindoia/SP

(19) 3824.2499

(35) 99138.0307

Trabalhamos com
remalhadeiras "Complet"
novas e usadas

- Agulhas e platinas para retílineas
- Agulhas e ponteiros para remalhadeiras
- Bobinas e seletores
- Óleo lubrificante
- Klimp para limpeza interna

105
AUTO PEÇAS

vivo
 **9 9852 5105**
3465 3105 - 3465 5105

SEGURANÇA

CATINI

ELETRÔNICA

Ligue:
 (11) 3824-5421
 (11) 3824-1094

➡ **Venda e instalação de Alarmes**
 ➡ **Monitorados e convencionais**
 ➡ **CFTV - Cerca Elétrica**
 ➡ **Locação de equipamentos**

Monitoramento Via Rádio, Internet e Linha Telefônica.

Solicite um Orçamento sem compromisso!

Av. Monte Sião, 3333 - Loja 20 - Shopping Uniminas
 Águas de Lindóia - SP - www.catinisegurancaeletronica.com.br

MONTE-SIONENSE DE ARAQUE

JOSÉ AYRTON LABEGALINI

“Outono Colorido” este era o nome do projeto de decoração suspensa implantado em algumas ruas de Monte Sião, nos primeiros meses do ano e finalmente desarticulado no início de outubro, com pouco mais de um semestre de existência. A ideia original foi trazida da cidade de Águeda, Região de Aveiro, Portugal, pelo empresário Fernando Costa. Esse empresário foi Diretor de Turismo voluntário (sem rendimentos) no primeiro semestre da atual administração, ou seja, de janeiro a julho de 2017, presidiu o Conselho Municipal de Turismo – COMTUR da cidade no biênio 2017/18; como membro efetivo desse Conselho sugeriu criar o Receptivo Turístico da cidade, bem como a implantação da decoração suspensa intitulada de “Outono Colorido”.

O “Outono Colorido” era

para ter sido um exemplo de Intervenção Urbana durável, inspirado nos movimentos relacionados às intervenções visuais realizadas em espaços públicos daquela cidade portuguesa e assim como lá, com o objetivo de dar uma nova vida a algumas ruas da cidade, através de um conjunto de ações que considera a situação do espaço existente e as relações humanas e econômicas que os envolvem.

Em Portugal, essa ideia nasceu em 2012, na região e cidade e supracitadas; desde então vem se aprimorando e se expandindo na forma de projetos anuais, o último deles, com o ponto alto do evento ocorrendo entre 04 e 26 de julho de 2020, com nome internacionalizado de “Umbrella Sky Project”, “Projeto Céu de Guarda-chuvas” no português, ou “Festival dos Guarda-chuvas”, como se diz em Portugal, já se tornou uma marca registrada da cidade e já ultrapassou fronteiras com montagens semelhantes

feitas na Espanha.

Lá em Portugal, mas especificamente em Águeda, a iniciativa vem deslumbrando olhares pelo mundo, o “Festival dos Guarda-chuvas” vem atraindo turistas de todas as partes do globo, levando visibilidade para a pequena cidade e tornou-se um ícone do verão na Europa. No Brasil, Monte Sião seguia o mesmo caminho, embora não tenha sido a cidade protagonista da ideia, pois o mesmo atrativo já tinha em Recife/PE, precisamente em Porto de Galinhas; e na Estrada do Vinho, em São Roque, São Paulo. Aqui já traíamos turistas de muitas regiões, conseguimos uma mídia espontânea muito importante para o nosso turismo e comércio, e havíamos inspirado a mesma experiência em cidades vizinhas; depois da iniciativa de Monte Sião, as cidades de Socorro e de Holambra também fizeram sombra em algumas de suas ruas com “sombrinhas” coloridas.

Nessas cidades as “sombrinhas” continuam atraindo o público visitante, movimentando o comércio e incentivando o turismo.

A ideia trazida de Portugal foi apresentada ao Executivo Municipal e ao COMTUR, foi aprovada por este e implantada por aquele, através de licitação feita no início do ano. Experimentou-se colorir o céu da Rua do Mercado com bolas, que também são usadas em ruas europeias, mas não deu muito certo e as esferas coloridas forma descartadas. Partiu-se para triângulos coloridos de lycra na Rua Juscelino K. de Oliveira, na Rua do Mercado e no contorno da Praça Pref. Mário Zucato, ficou bonito, coloriu o céu, fez sombras e minimizou o calor, mas caminhões com cargas altas acabaram se enroscando nos tecidos e suas amarras; coube à Rua Tancredo Neves a experiência original das “sombrinhas” coloridas. Nessa rua o comércio foi ativado, em espaços fechados novas lojas foram abertas, o movimento se intensificou, ensaios artísticos foram promovidos, a mídia espontânea explodiu, e os comerciantes da rua assumiram a manutenção do atrativo.

Tudo ia muito bem, até que alguém deve ter pensado assim: “Nossa! Está tudo amarrado nos postes da CEMIG e em baixo das lâmpadas e redes elétricas. Será que pode?” e então ligou para a CEMIG para uma consulta despretensiosa. Ou será que esse alguém imaginou assim: “Está tão bonito que o Prefeito, então candidato à reeleição, poderá tirar proveito da situação e angariar alguns votos”,



e então ligou para a CEMIG, mas não para pedir informação, mas sim para prestar uma informação muito importante para a Concessionária. Dizem as más línguas que a alternativa correta é a segunda, até nomes de responsáveis são apontados, mas a verdade é que por denúncia feita junto à CEMIG, esta acionou a Prefeitura e por imposição judicial toda a Intervenção Urbana teve que ser desmontada, foi por terra o “Outono Colorido” de Monte Sião.

Diz um ditado popular que “de boas intenções o inferno está cheio” e isso parece ser verdade aqui nessa situação. A Prefeitura teve a boa intenção em implantar a ideia aprovada pelo COMTUR, mas foi incompetente em não se informar dos procedimentos junto da CEMIG, pois a rede elétrica (que inclui também os postes) é de propriedade dela e para qualquer uso tem que ter seu aval. A expressão política do Município, muito próxima de nada, não foi capaz de peitar a CEMIG para a regularização do atrativo. A onipotência do executivo não foi capaz de buscar ajuda técnica, e por estar em desvantagem técnica ante a CEMIG, perdeu a demanda na análise do juiz. Com um diretor de Turismo de verdade essa situação não teria o desfecho que teve.

Se depender de minhas ações enquanto cidadão monte-sionense, para o bem da cidade, todas as administrações municipais sempre tiveram, e esta também tem, o meu apoio irrestrito. Não morro de amor pelo executivo municipal, não fui e não sou seu eleitor, sou crítico ferrenho pela ausência de um Diretor

de Turismo em uma cidade que se diz turística, temos um incentivo mequetrefe ao turismo, apenas salvo pelas iniciativas do Receptivo Turístico que é independente do poder público, mas honra seja feita, o atual prefeito tem sido melhor, em linhas gerais, que todos os seus antecessores nos últimos 25 ou 30 anos. A oposição cega é burra, para ela, quanto pior melhor, chavão bastante conhecido da política brasileira.

A CEMIG tem o kWh de energia elétrica mais caro do país, já a qualidade da sua energia para Monte Sião deixa a desejar, entenda-se por qualidade da energia como sendo a manutenção do nível da tensão e a frequência dos desligamentos, dois inimigos de peso para os componentes eletrônicos dos teares eletrônicos computadorizados das malharias. Esta concessionária, que já empurra a classe empresarial para o outro lado da divisa de estado, com o custo-benefício no consumo da energia que nos vende, agora também empurra os turistas para outras direções com essa sua exigência esdrúxula. Ela deve estar muito feliz.

Feliz mesmo deve estar o denunciante que atingiu seu objetivo de desmoralizar a atual administração, em fazer desmontar a Intervenção Urbana que enfeitava algumas ruas, em obrigar a colocar no chão “Outono Colorido” que atraía turistas; em decepcionar os visitantes que ainda veem a procura da “Rua das Sombrinhas”, em fazer a alegria do comércio das ruas até então enfeitadas. Feliz e satisfeito deve estar esse coitado (pessoa desse naipe são dignas de compaixão), esse monte-sionense de mente curta, esse monte-sionense de araque, digno de ser homenageado com o título de persona non grata.

Enquanto que nas ruas de Águeda as modelos europeias podem continuar desfilando (foto da esquerda), nas ruas de Monte Sião as artistas brasileiras perderam uma passarela de apresentações (foto da direita).

AROLD COMUNE

Dez para as quatro da manhã. A escuridão total do quarto só era infimamente quebrada pelas luzinhas de variadas cores dos equipamentos eletrônicos desligados. Os olhos do homem ardiam por ele tentar forçosamente mantê-los abertos depois de horas de sono profundo recém-interrompido pelo zumbido de um inimigo do descanso alheio, de um invasor inclemente de dormitórios, de um inescrupuloso agitador da madrugada, de uma sanguessuga descarada.

Travesseiro posto em cima da cabeça, olhos de novo fechados. O zum-zum que havia diminuído bastante voltou crescendo paulatinamente e manteve-se em uma constância que até parecia que seu feitor estivesse investigando onde estão as orelhas a serem perturbadas pelo som. Foi no instante seguinte que o ruído parou abruptamente. O sugador de sangue só podia ter pousado, ávido por alimento, no braço que, sobre a cabeça, segurava o travesseiro, o qual o homem passou a abanar de um lado para o outro rapidamente, ainda sem abrir os olhos para tentar não perder o sono. O movimento ríspido fez com que ele voltasse a ouvir o som de antes, mas também fez com que este fosse diminuindo aos poucos até cessar de vez.

O homem arrumou o lençol, virou-se do outro lado da cama, olhou no telefone celular quantos minutos haviam se passado, praguejou aquele ser voador e pôs-se a ouvir: silêncio total. Desperto, viu-se absorto em pensamentos que remetiam a projeções do dia seguinte, do resto da semana e até do mês... Pensava no que precisaria fazer depois que amanhecesse, se iria ao local X comprar o item Y, se conversaria com fulano a respeito de beltrano, etc. A inquietude é uma adversária invencível para o sono.

Ligou a televisão. O clarrão fez doer-lhe a vista. Di-

minuiu o contraste e o brilho da imagem. Os canais alternavam entre filme desconhecido, reprise de telejornal sensacionalista e programação supostamente religiosa. Desligou-a e fez com que o celular tocasse alguma música agradável para descanso. Quatorze minutos.

O inconveniente causador do zumbido acabava de retornar. De um pulo, o homem levantou-se da cama, acendeu a luz – um farol intenso que deixava tudo mais claro do que qualquer outra coisa –, pausou a música, agarrou um chinelo e olhou à sua volta. Nem sinal do inominável. Sem nenhum ruído. Procurou no teto, nas quatro paredes, na janela fechada, na madeira da porta e na cortina. Balançou a mesinha, a cadeira, a estante, balançou tudo para achar o bandido. Já havia soltado o chinelo durante essa busca interminável quando acreditou ter visto algo voando à sua frente. Clap! Errou! Clap! Mãos ardendo, vermelhas, e sem a prova do sucesso nelas. Clap! A terceira tentativa errada quase fez com que o dedão esquerdo destroncasse.

Saiu do quarto como um vento. Buscou o inseticida na área de serviço. Sentou-se na cama. Dedo indicador direito na parte superior do frasco cor de laranja, o qual ele chacoalhava a cada dez segundos para que a qualquer instante pudesse ser devidamente disparado, embora fosse causar um forte cheiro que infestaria todo o dormitório. Porém, após uns minutos, cansou-se de tanto agito. O seu carrasco parecia ter se escondido tão bem quanto um criminoso procurado internacionalmente.

Para o homem, deitar-se, cochilar e então perder o sono mais uma vez estava fora de cogitação. Havia virado uma questão de honra não se frustrar outra vez ao tentar descansar. Para tanto, teria de derrotar aquele ser. Voltou a procurá-lo pelo quarto todo. Inutilmente. Abriu um livro no ponto em que havia parado – um pouco antes da

metade. Foi lendo páginas e páginas. Então, fechou-o e colocou-o de lado.

Silêncio. Acomodou-se na cama ainda com a luz acesa. A lâmpada reluzindo intensamente sem um globo para protegê-la. Um latido de cachorro ao longe. Os primeiros pios em alguma árvore. Não era cedo para os passarinhos acordarem? Bem, imaginou que eles não errariam o horário. Apagou a luz, mas o brilho do amanhecer já iluminava a veneziana fazendo o quarto ficar claro. Olhou as horas: seis e dez.

Deu oficialmente por finalizado o período de sono. Abriu a janela e sentiu o ar fresco e convidativo da manhã. O céu estava sem nenhuma nuvem. Sentou-se no chão ao lado da cama, numa mistura de cansaço com meditação contemplativa. Seria um longo dia que teria pela frente.

Reparava no reflexo da claridade no quarto e, a meio metro de distância, à sua esquerda, não acreditou no que viu. O causador dos seus males estava ali, morto sobre o piso. O corpo estava de costas, as patas meio dobradas, meio erguidas. Há quanto tempo estava lá? Como o homem não havia percebido que lutava, digladiava-se, com algo que nem mais existia? Ele se aturdira sem razão. Desistiu da calmaria diante de um risco que nem fazia perigar. Passou a recordar acontecimentos passados na forma como eles ocorreram. Imaginava como teria sido se anos atrás, décadas atrás, tivesse agido sem o freio que, a troco do controle, impossibilitava o avançar. Relembrou sua fria relação com a filha casada que há anos só revia no quase burocrático Natal. Lembrou-se de pessoas, de locais, de ofertas de emprego. E tais pensamentos fizeram com que ele desejasse não ter visto seu antagonista morto.

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

O mistério da vida se dá quando um espermatozoide se encontra com um óvulo. O que vem depois é sempre uma surpresa. O DNA humano é composto por 46 cromossomos, 23 do pai e 23 da mãe. Neles estão todas as informações genéticas da pessoa, principalmente as características físicas. O par de cromossomos XY é o que determina o sexo da criança, por exemplo. Nos 46 cromossomos existem mais de 22 mil genes. Um livro enigmático que os cientistas ainda estão tentando decifrar.

O Prêmio Nobel de Química 2020 foi dado a duas cientistas — a francesa Emmanuelle Charpentier e a norte-americana Jennifer Doudna — que desenvolveram o Crispr, um método de edição do genoma. Ou seja,

uma ferramenta que consegue “editar” o DNA, o código genético dos seres vivos. Em palavras mais simples (se é possível dizer isso) uma espécie de “tesoura genética” que permite mudar parte do código de uma célula. Ou seja, seria possível cortar e alterar uma parte específica do DNA. Sem dúvida, um significativo avanço para a ciência. Mas que não deixará ser polêmico, como já está sendo sua possível aplicação.

A maior aposta (e expectativa) é que isso poderia tornar realidade o sonho de curar doenças hereditárias. Usando o Crispr, cientistas podem alterar com extrema precisão o DNA de animais, plantas e microrganismos. Na minha curta visão de leigo, para mim isso seria quase criar uma outra vida ou outra espécie. Quais as consequências disso? O que aconteceria ao ser “cortar” a parte errada do genoma

ou fazer mudanças que não eram pretendidas? Não sou eu quem está fazendo este tipo de pergunta: são os próprios cientistas! Um deles disse: “Não há controle se, ao editar o gene que causa a doença genética, não se está criando mutações, ao acaso, em outros genes, e que não podem ser controladas”. Como seria isso em embriões humanos em tratamentos de reprodução assistida? Entendeu a complexidade do assunto?

Não custa lembrar aqui o célebre físico Albert Einstein que disse em 1926, quase um século atrás, que Deus não joga dados. A frase inspirou diversas interpretações, mas ele próprio explicou: “a teoria produz um bom resultado, mas dificilmente nos aproxima do segredo do Criador”. Portanto, nada contra a ciência, mas não custa refletir sobre seu ensinamento. O que virá, ninguém sabe. Ainda.

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - 24

ISMAEL RIELI

Os verbos que indicam fenômenos da natureza são impessoais: não têm sujeito e só se usam na terceira pessoa do singular: Chover, trovejar, nevar, ventar, gear.

Mas, porém no sentido figurado, com bonito efeito estético, podem aparecer como pessoais, com sujeito e flexibilizando-se.

Choveram quilos de arroz nos noivos (costume caro hoje)

Choveram queixas e reclamações

Chovem pétalas de rosas na padroeira

Os canhões trovejaram no Morro da Venda em Pouso Alegre

As barrigas dos favelados trovejavam de fome

Os cabelos dela nevaram cedo

xxx

Substantivos terminando em A são femininos? Nem sempre.

São masculinas muitas palavras de origem grega terminadas em MA:

Gramma (peso), lema, tema, poema, emblema, diadema, teorema, telegrama, telefonema, diagrama, diafragma, sistema, dilema, quilograma, estratégia, cinema.

xxx

Favela
É uma planta da Bahia, abundante em Canudos do Antônio Conselheiro.

Foram 3 expedições enviadas para a Bahia para dizimar o povoado.

O jornalista Euclides da Cunha fez a cobertura pro Estadão. Daí surgiu o clássico Os Sertões.

A guerra dos Canudos ocorreu no governo Prudente de Moraes 1896-1897

“uma parte dos soldados que participaram da luta,

ao voltar para o Rio de Janeiro, deixou de receber seu salário e foi morar em casas precárias instaladas nas encostas do Morro da Providência. Por alguma semelhança ou por lembrança do morro que circundava Canudos, batizaram o local de Morro da Favela. Foi a partir daí que os conjuntos de habitações precárias, onde residem pessoas de baixa renda passaram a ser conhecidos como Favelas” (Apud apêndice do livro Quarto de Despejo).

xxx

Infanticídio - matança de crianças

Filicídio- morte do filho
Sabedor de que nascera um novo Rei, Herodes, que também doou, de presente, a cabeça de João Batista pra enteada Salomé, ordenou a matança de todas as crianças de seu reino. Foi um terrível infanticídio, mas quem ele buscava, escapou e lhe bagunçou o coreto.

xxx

O casal Nardoni, Da Zona Norte de São Paulo, ao jogar a filha da sacada, cometeu terrível filicídio- morte do filho.

Amiúde lemos nas páginas dos jornais, notícias de filicídios por pais desesperados que não aguentam mais conviver com filhos adictos. Um inferno doméstico.

Mas, às vezes, acontece o contrário: filhos que matam os pais, que lhes negam dinheiro pra drogas: parricídio, matricídio.

A desinfeliz Suzana Von Richtofen cometeu parricídio e matricídio, com a ajuda dos irmãos Cravinhos.

Campeãs mesmo as lésbicas de Santo André que cometeram ao mesmo tempo:

Parricídio, matricídio e

fratricídio. A filha, com parceria da namorada, matou o pai, a mãe e o único irmão para ficar como herdeira.

Outro matricida famoso foi o Imperador Nero.

Chiquinho Gianotti era sócio e compadre do meu pai. Muito amigo, muito esperto, muito trabalhador, com aguçado tino comercial. Engordava bezerros no sítio de meu avô, onde morava numa casa próxima à nossa. Com meu pai, levava gado tocado até Campinas, de cavalo. Uma semana cavalgando.

Casado com Marieta, tinham uma trempa de filhos.

Ajuntou um bom dinheiro para comprar um belo sítio no Alto da Serra, em Serra Negra e pra lá se mudou com a prole.

No Livramento, caminho de Socorro, havia uma curandeira renomada, que recebia consultentes de vasto raio.

Consta que Chiquinho foi consulta-la. Maria Froes teria sido taxativa: todos os filhos com menos de 10 anos têm lepra!

Encasquetado, Chiquinho sofria muito.

Uma manhã recomendou a Marieta: sirva um bom café pras crianças e mande - as brincar na tulha – depois transformada numa capelinha. Com um machado na mão, entrou na tulha e trancou a porta. A machadadas, executou os 5 filhos. No dia seguinte foi encontrado enforcado numa mata próxima. Entre as vítimas estava Mauro, afilhado de meus pais. Tragédia semelhante - infanticídio e filicídio - nunca houve por essas paragens.

xxx

Mais alguns galicismos: Palavras ou expressões Francesas, incorporadas ao português.

“en passant” de uso frequente: superficialmente, sem profundidade, perfunctoriamente, incidentalmente, de passagem parecido com “a vol d’oiseau” a voo de passarinho: rapidamente.

Echarpe: cachecol; éclair: fecho éclair; écran: tela de cinema; elan: arrebatamento súbito; enfant terrible: criança danada esperta que, amiúde, causa constrangimentos aos pais; engagé: literatura engagé - comprometida com certas teses que procura defender (Jorge Amado na sua primeira fase)

xxx

Pontaria certaíra.
A do índio isolado de Rondônia, cuja flecha mortífera acertou o coração do meu xará Rielli Franciscato!

Não sabia o silvícola que acabava de tirar a vida de um intransigente defensor de seu povo, por mais de 30 anos.

xxx

O que estão fazendo com a nossa Amazônia?

Quousque tandem Catilina, abutere patientia nostra?

Até quando, Catilina, abusarás de nossa paciência?

Quousque tandem , Jair Messias?

Quousque tandem, Ricardo Salles?

xxx

Em 1825, Morse estava em Nova York pintando o retrato do Marques de Lafayette e recebeu uma carta do pai avisando que a esposa estava doente.

Morse cavalgou por 6 dias e 6 noites e ao chegar em casa soube que a mulher havia morrido antes mesmo que recebesse a missiva paterna.

O pintor aposentou os pincéis e decidiu dedicar o resto da vida a criar uma engenhoca capaz de evitar que um desencontro daqueles acontecesse novamente. Em 1835, Morse inventou o telégrafo e o código que leva o seu nome.

xxx

Quadrinhas
Com o prado, com as flores.
Comparo a minha ventura:
O prado, porque floresce,
A flor, porque pouco dura.

Há uma espécie de plantas
Que vingam sem ter raízes,
Assim são certos sorrisos
Nos lábios dos infelizes.

Sexta feira fez um ano
Que meu peito se fechou:
Quem morava dentro dele
Tirou a chave e levou

Suspirando passo a noite,
Lamentando passo o dia,
Longe de ti, meu bem,
Não posso ter alegria.

Se os meus suspiros pudessem
Aos teus ouvidos chegar,
Verias quanto custa
Esta ausência suportar...

O Canto da Poesia

“Por um fio de cabelo”	
	o manacá floresce seu cheiro
	a rosa veste-se de rosa
	e a aranha tricota sua teia
	Nem A Espada de Dâmocles me impede de tê-los
Eraldo H. Monteiro	

Noites	
A noite	
passou por mim	
deixando um rastro	
de estrelas	
que depois	
se apagaram	
como pegadas	
na areia	
Por que me sinto só	
se pessoas se esbarram	
em mim	
pelas avenidas?	

Acho que era
apenas uma noite
e o dia será
apenas um dia

Então
por que choram
os dragões?

José Carlos Grossi	
Uma aventura com Lindoya	
Publicado na página da Lindoya – a Índiazinha corajosa.	
Em um exercício do imaginário Pinteí o seguinte cenário	
	A primavera renasceia E um grupo de indígenas Vasculhava as cercanias Destas paragens serenas
Desbravando morro acima, deixaram a margem do rio Era ameno o clima, porém o ar mais frio.	
Dentre os silvícolas ousados, estava Lindoya, na juventude. Vivendo seus anos dourados, com a beleza em plenitude.	

Corpo esbelto em tom de vermelho,
Adomada com penas e dente de bicho,
Imagem digna de um espelho.
Legítima nativa com seu capricho.

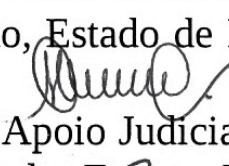
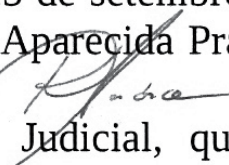
Chegando nas Águas Quentes
Vislumbraram o Morro Pelado
Seguiram altivos e prudentes
Pra seu cume ser impetrado.

Longe, um horizonte amontoado.
Ao norte a vista é maravilhosa!
Seria Minas do relevo amarrotado.
E ao sul, uma serra escura, suntuosa.

Próprio dos índios, agricultores, caçadores e coletores,
Foi um sucesso a empreitada da qual foram atores.

Assim imaginei
Um dia nas estórias destes arredores.
Foi delírio, eu sei.
Mas ratifica nossos laços anteriores.

B. O. B.

COMARCA DE MONTE SIÃO - EDITAL DE RETIFICAÇÃO DE REGISTRO CIVIL-ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA-COM PRAZO DE 30 DIAS-FAZ SABER aos que o presente edital virem ou dele conhecimento tiverem que, por r. Sentença proferida aos 07/06/2019, transitada livremente em julgado aos 08/07/2020, nos autos nº **0434.16.000446-2** de Retificação de Registro Civil/Retificação de Nome, requerida por Aroldo Alves Ferreira, em andamento por este Juízo, foi julgado procedente o pedido inicial para se proceder às devidas retificações necessárias no registro de Nascimento /Matrícula nº 0591130155 1975 1 00039 009 0022060 51, e no registro de Casamento nº 3.294 fls. 153 do Livro B/41, ambos do Serviço Registral Civil das Pessoas Naturais desta comarca de Monte Sião, Estado de Minas Gerais, para ficar constando como “ **HAROLDO ALVES FERREIRA** ”. E, para conhecimento legal e geral de todos os interessados, expediu-se o presente edital, que será afixado no local de costume e publicado na forma da lei. Dado e passado nesta Comarca de Monte Sião, Estado de Minas Gerais, aos 25 de setembro de 2020. Eu, , Márcia Aparecida Prado, Oficial de Apoio Judicial, que o digitei. Eu, , Karina Paula Fontes Mendonça, Escrivã Judicial, que o conferi e subscrevi. 
Roberto Troster Rodrigues Alves
Juiz de Direito Substituto.

